

Homero. *Odisseia* (tradução de Frederico Lourenço). Lisboa, Livros Cotovia, 2003, 399 pp. [ISBN 972-795-060-4].

O leitor de língua portuguesa pode finalmente dispor de uma excelente e fidedigna tradução de um dos textos primaciais da literatura ocidental, a *Odisseia* homérica, uma obra-prima do nosso património cultural que perpassou os tempos e ficou para sempre gravada no nosso imaginário. Éramos talvez o único país da Europa que não dispunha de uma tradução actualizada e feita directamente do grego, da epopeia homérica, consagrada ao *nostos* de Ulisses.

Professor de Grego da Faculdade de Letras Universidade de Lisboa, Frederico Lourenço, a quem se deve esta magnífica versão portuguesa da *Odisseia*, é um helenista de mérito reconhecido, responsável pela tradução crítica de duas tragédias de Eurípides — *Íon* e *Hipólito* (Lisboa, Colibri, 1994 e 1996) — além de autor de uma já notável obra ficcional, inaugurada com o romance *Pode um Desejo Imenso* (2002), o primeiro de uma trilogia que viria a completar-se com a publicação de *O Curso das Estrelas* (2002) e de *À beira do Mundo* (2003). Não é portanto de estranhar que estejamos perante uma tradução que reescreve a poesia dos versos homéricos num estilo heróico e cadenciado, em que o conhecimento científico da língua grega antiga se conjuga com a mestria poética com que se maneja a língua portuguesa, reflectindo-se na riqueza da dicção, na harmonia de ritmos, na variedade de tons, até na integração de saberes e olhares que, apesar de distantes, ainda nos surpreendem e desafiam.

No Prefácio que antecede esta “nova tradução da *Odisseia*”, Frederico Lourenço explicita os seus dois principais objectivos: “colmatar uma lacuna evidente” no panorama editorial português, e “devolver ao leitor de língua portuguesa o prazer do texto homérico” (p. 7). Informa ainda que a tradução se baseia no texto crítico fixado por T. W. Allen, e que se pretende, sempre que possível, fazer “corresponder a cada verso grego um verso português” (p. 9). No anseio de aproximar o leitor da “dimensão ‘performativa’ de uma emissão/recepção do poema” (p.8), foram assinaladas com espaços em branco as possíveis “pausas retóricas”

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 6 (2004)

que o aedo faria no decurso da sua recitação, o que criou “a ilusão de o poema estar dividido em estâncias” (p.8). A ausência de notas de cariz filológico foi uma opção do tradutor, com o objectivo de não comprometer “o enlevo e a comoção que se querem indissociáveis da experiência de ler/ouvir a história do retorno de Ulisses”, e para que a tradução pudesse ser lida “pelo gozo de ler” (pp. 7-8).

A anteceder a tradução, Frederico Lourenço introduz, com notável acuidade, alguns dos tópicos essenciais que caracterizam a infundável ‘questão homérica’: a problemática relacionada com a autoria, a composição e a datação do poema. Um poeta chamado ‘Homero’ é tradicionalmente considerado como o autor da *Ilíada* e da *Odisseia*, mas desde a Antiguidade Tardia se conjectura se as epopeias não teriam autorias diferentes. No concernente à cronologia, se para a *Ilíada* a segunda metade do século VIII a.C. é considerada como a hipótese de datação mais aceitável, para a *Odisseia* existe menor consenso, e as várias teorias cobrem um período mais dilatado que pode ir até ao século VI a. C. Em termos composicionais, o material díspar que o poeta reuniu, a aparente falta de unidade temática, as incoerências e repetições próprias de uma poesia de tradição oral, as interpolações ou as sofisticadas técnicas narrativas utilizadas, constituem alguns dos temas aflorados nesta introdução. Mas porque a “*Odisseia* é, também à sua maneira, um milagre” (p.13) e pode ser lida à margem desses problemas, Frederico Lourenço transporta o leitor para os meandros do poema, evocando alguns dos episódios mais emblemáticos (e.g.: a teia de Penélope, as Sereias, o Ciclope, Cila e Carídbis, o estratagema do cavalo de madeira, a Feácida, o encontro de Ulisses e Penélope) e, como não podia deixar de ser, a grandeza humana do lendário herói “astuto que tanto vagueou” e “que muito sofreu” no regresso a casa — Ulisses. Completa esta magnífica introdução, uma breve referência, mas pertinente, a alguns testemunhos da influência exercida pela *Odisseia* no panorama da literatura universal.

Surge então a tradução em verso, fiel ao original grego, onde é visível uma perfeita e harmoniosa adequação do sentido à forma. Atento

ao mais pequeno pormenor estilístico, aos matizes semânticos dos vocábulos, ao ritmo e à musicalidade dos versos, Frederico Lourenço revela-se um tradutor profundamente conhecedor do original e com uma extraordinária capacidade poético-literária de vertê-lo, de uma forma expressiva e dúctil, numa língua tão diferente e tão distante como o é a língua portuguesa. O aspecto mais visível para o leitor comum será talvez a eloquência sóbria e subtil com que se vertem para a língua portuguesa as complexas fórmulas homéricas e a maleabilidade como se manejam os versos encavalgados — um recurso muito utilizado pela épica —, de forma a urdir a unidade sintáctica e semântica que transita de um verso para outro. Ao rigor e à preocupação de clareza, acresce um intuito conseguido de reproduzir, nos seus matizes e efeitos variados, o estilo heróico, vívido e harmónico da narrativa homérica.

Há portanto que congratularmo-nos com o aparecimento desta publicação — que merecidamente acabou de granjear ao A. o prestigiado Prémio Dom Diniz, atribuído pela Fundação da Casa de Mateus —, porque ela constitui um verdadeiro acontecimento cultural, digno das palavras mais encomiásticas, não devendo por isso passar despercebida aos estudiosos da literatura grega, nem a todos aqueles que por ela se interessam.

MARIA FERNANDA BRASETE

Sófocles, *Tragédias* (prefácio de Maria do Céu Fialho, introduções e traduções do grego por Maria Helena da Rocha Pereira, Maria do Céu Fialho e José Ribeiro Ferreira), Coimbra, Edições Minerva, 2003, 639 pp., 29 estampas [ISBN: 972-978-090-2].

Para assinalar os 2500 anos do nascimento de Sófocles, o Instituto de Estudos Clássicos, conjuntamente com o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e o FESTEIA-Festival de Tema Clássico, promoveu a publicação da tradução da obra completa do teatro de Sófocles, com o patrocínio de “Coimbra 2003 — Capital Nacional da Cultura”.

Embora a tradição conceda a este tragediógrafo um número de composições superior a 120, conforme nos testemunha ainda na época helenística o gramático Aristófanes de Bizâncio, ao nosso tempo apenas chegaram sete peças completas, as que figuravam numa colectânea para uso escolar, organizada por um anónimo do tempo do imperador Adriano. São precisamente essas tragédias que agora nos são facultadas em tradução, num volume único, com apresentação cuidada e uma capa sóbria, mas muito elegante. Conhecia já a língua portuguesa várias edições da *Antígona*, do *Filoctetes*, do *Rei Édipo*, de *As Traquínias*, e do *Édipo em Colono*, da responsabilidade — que é sempre garantia de grande qualidade — de M. H. Rocha Pereira, J. Ribeiro Ferreira e M. do Céu Fialho (as três últimas)¹. A estas juntam-se agora, de cada uma das autoras referidas, as versões inéditas do *Ájax* e da *Electra*.

O volume abre com um prefácio de Maria do Céu Fialho que, de forma clara e concisa, sublinha e analisa as características marcantes da produção deste autor, cuja existência acompanhou não só o percurso de crescimento, hegemonia e declínio da Atenas do séc. V a. C., mas também todo o debate de um conjunto de novas questões que puseram em causa tradicionais certezas. Da parte da autora há ainda o cuidado, sempre necessário quando se trata de uma obra colectiva, de evidenciar preocupação com o estabelecimento de critérios uniformes que confirmem homogeneidade à publicação. Ficamos a saber, então, que para a delimitação das partes das tragédias se seguiu a divisão proposta por Kamerbeek, na sua obra em sete volumes *The Plays of Sophocles. Commentaries* (Leiden 1953-1984); e que para a tradução — ainda que por discordâncias pontuais tivessem os autores recorrido a lições dos textos de Jebb (Leiden 1893-1907) ou de Dawe (Stuttgartiae et Lipsiae³1996) — se tomou por base o texto da edição oxoniense de H. Lloyd-Jones e N. G. Wilson

¹ *Antígona* (Porto, Centro de Estudos Humanísticos, 1958; Coimbra, Atlântida, 1968; INIC, 1984, 1987; JNICT, 1992, 1998; Festival de Tema Clássico, 2003; Brasília, Universidade de Brasília, 1997), *Filoctetes* (Coimbra, INIC, 1979, 1988; JNICT, 1997), *Rei Édipo* (Coimbra, INIC, 1979, 1986; Lisboa, Edições 70, 1991; Festival de Tema Clássico, 2003), *As Traquínias* (Coimbra, INIC, 1984, 1989; Festival de Tema Clássico, 2003) e *Édipo em Colono* (Coimbra, Minerva, 1996; Festival de Tema Clássico, 2003).

(Oxonii 1990). Desta edição mantiveram-se os sinais diacríticos que assinalam o que foi acrescentado por conjectura ou a partir de uma fonte paralela e os que registam as partes perdidas e os passos considerados corruptos. Ora, face a este louvável rigor, causa alguma estranheza que não se tenha justificado a razão que presidiu à ordenação das peças. Quem como nós esperava que fosse adoptado um critério de natureza cronológica, fica algo perplexo com esta sequência pouco habitual em obras completas de Sófocles.

O corpo central da publicação é preenchido pelas sete traduções que evidenciam uma grande mestria no manejo das duas línguas, só possível a quem, como os tradutores, as conhece em profundidade. Precede-as uma breve introdução onde, para além das necessárias questões relacionadas com a datação ou a encenação, se abordam e discutem aspectos essenciais para o entendimento da tragédia: o mito, a análise e sentido da peça, os temas fundamentais, a caracterização das figuras, o papel dos deuses e do coro.

A encerrar o volume, à bibliografia selecta, distribuída por edições e comentários e por estudos, segue-se um conjunto de estampas de excelente qualidade gráfica, dividido em duas secções: “ilustrações antigas”, com a reprodução de pinturas da cerâmica grega, representando cenas do *Ájax*, *Rei Édipo*, *Antígona*, *As Traquínias* e *Filoctetes* (imagens 1 a 5); e “encenações modernas”, com fotografias de algumas das encenações de peças sofocianas em território nacional (imagens 6 a 12) e ainda de uma colecção de trajes e objectos de representações modernas pelos grupos “Selene” e “Hélios” de Madrid (imagens 13 a 29).

A Sófocles devia a língua portuguesa uma tradução da sua obra completa. Dois mil e quinhentos anos depois do seu nascimento, teve-a na sua forma mais sublime.

CARLOS MORAIS

Francisco García Jurado, *Introducción a la semántica latina. De la semántica tradicional al cognitivismo*, Madrid, Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense, 2003 (128 pp.).

É com grande satisfação que saudamos a publicação de uma série de monografias por parte da revista *Cuadernos de Filología Clásica* da Universidad Complutense. Sob o título de *Estudios Latinos Anejos* inicia-se esta série, cujo primeiro número foi felizmente dedicado à semântica latina. E digo felizmente porque, no domínio dos estudos da linguística latina, talvez a maior necessidade actual seja a existência de estudos sobre o nível semântico, mais do que sobre outros como o fonético ou o sintáctico. Esta necessidade prende-se não só com o relativamente menor número de trabalhos que se ocupam deste âmbito como também com a vastidão do terreno semântico-lexical, tão difícil de abarcar nos trabalhos de índole linguística.

O autor desta obra, Francisco García Jurado, é bem conhecido no âmbito da semântica latina pelos seus estudos no campo dos *uerba uestiendi*. O seu à-vontade neste terreno revela-se no maneira didáctica como explica questões complexas. Escrever uma Introdução à semântica latina, susceptível de ser lida por estudantes não especialistas, em 128 páginas, incluindo bibliografia e índices, e ainda assim conseguir ser claro na progressão do raciocínio, não é uma empresa ao alcance de qualquer um. O autor tem o acerto de apresentar, na introdução, a estrutura do livro e o plano que lhe confere unidade. A organização em cinco capítulos é, diríamos, parentética, com um primeiro em que se aborda a semântica tradicional e o último em que se apresenta a nova visão da semântica cognitiva, enquanto que os três capítulos centrais tratam de diversos aspectos semântico-lexicais a partir de um ponto de vista eminentemente estruturalista, apesar de não faltarem explicações complementares segundo os critérios do cognitivismo. Esta apresentação inicial do plano do livro permite que a leitura progrida com uma plena consciência do que se está a tratar em cada momento e do que podemos esperar a seguir.

Dentro de cada capítulo a fluência do discurso didáctico é digna de louvor. As divisões da matéria por capítulos e pontos, o estilo elegante e claro, despido de ornamentações fúteis que compliquem a compreensão, os gráficos esclarecedores e os exemplos constantes tornam inteligível e agradável, até para o leigo, uma matéria que o excesso de erudição torna confusa em outros estudos. Às vezes, no entanto, parece que a brevidade discursiva, normalmente positiva, desemboca em demasiado laconismo. Assim, os capítulos dedicados à prototipicidade e iconicidade não são suficientemente desenvolvidos, pelo menos tendo em atenção a importância dos assuntos tratados.

De facto, esse laconismo excessivo também se deixa perceber na globalidade do tratado. O título faz pensar num tratamento mais pormenorizado da evolução dos estudos semânticos, desde os tradicionais até os cognitivos, sem centrar a passagem de um a outro exclusivamente no estruturalismo. Desse modo, podiam ter sido tratados também os avanços que supôs a semântica generativa para as relações entre a sintaxe e a semântica, ou podiam ter sido mencionadas as relações entre semântica e pragmática linguística. Não significa isto que o livro esteja incompleto, mas apenas que as expectativas que o título cria excedem o tratamento concreto da matéria.

Os exemplos, como disse, estão muito bem seleccionados, de maneira que as explicações mais complexas ficam desde logo esclarecidas com expressões latinas ou castelhanas. É certo, porém, que de vez em quando o autor escolhe os exemplos que lhe interessam para tirar determinadas conclusões, sem atender a outros casos que as não demonstrariam. Assim, vemos na página 100, ao falar das «metáforas do quotidiano», que se demonstra a ideia básica «o descendente é negativo» através de expressões espanholas como «los males caen o sobrevienen», ou «caer un chaparrón» sem referir que, contradizendo esta tendência, também encontramos facilmente expressões como «caer el gordo de la lotería», «caer o venir como lluvia de mayo», que, embora menos frequentes, não seguem a tendência de que o que desce é negativo e o que sobe positivo. Estas situações, de qualquer modo, são marginais.

Geralmente os exemplos apresentados têm a virtude de, por um lado, abrangerem diferentes campos e classes lexicais, mas, por outro, não ampliarem em excesso estes campos e classes para manter uma certa coerência e para demonstrar que se pode argumentar diferentes questões sem ter de saltitar de uns exemplos a outros.

Temos de salientar, por último, um grande cuidado na revisão final de maneira a não deixar passar gralhas que prejudicassem a leitura. A única que encontrei, e deixo aqui apontada para a correcção numa futura reedição do livro, está na página 55. Depois de definir termos alternos como aqueles que são equipolentes e contrários, se diz que «dar» e «rechazar» são termos alternos em castelhano, quando se esperaria exemplificar com «dar» e «quitar» ou com «recibir» e «rechazar».

Em resumo, é preciso felicitar os editores desta nova colecção, por esta sua iniciativa, e o autor desta monografia pelo excelente resultado de uma sempre difícil tarefa: divulgar uma matéria pouco conhecida para os leigos e, simultaneamente, acrescentar o seu contributo de originalidade. Qualquer estudioso da língua latina que quiser embrenhar-se no âmbito dos estudos semântico-cognitivos terá de começar, sem dúvida, por ler este esclarecedor trabalho.

CARLOS DE MIGUEL MORA

Carla Susana Viera Gonçalves, *Invectiva na Tragédia de Séneca*, (Estudos da FLUC, nº 40), Lisboa, Edições Colibri / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2003, 171 pp. [ISBN 972-772-376-4]

Tem-se assistido, ultimamente, ao aparecimento de trabalhos que resultam de interessantes abordagens temáticas às obras dos clássicos latinos e gregos, quer em colóquios da especialidade, quer em trabalhos académicos. Está neste último caso *Invectiva na Tragédia de Séneca* de Carla Gonçalves. Num trabalho que reproduz no essencial a dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Coimbra, a A. apresenta o conceito da *uituperatio* na dramaturgia senequiana e a sua utilização

como meio de produção de mensagens positivas, a partir do *exemplum* negativo.

O trabalho encontra-se estruturado em três partes. No Capítulo I, define-se o conceito da *uituperatio* como modalidade do discurso epidíctico, partindo dos autores gregos e latinos, citando-os, acompanhando sempre essas citações de oportunas e claras traduções quer dos termos quer dos excertos apresentados.

No Capítulo II, a A., partindo de três conceitos — *animus* ou carácter, *corpus* ou corpo e *extrariae res* ou aspectos exteriores —, considera a tragédia de Séneca e procura o vocabulário da invectiva. Estas “três classificações contemplam os tópicos do elogio, isto é, concentram-se nas virtudes e deduzem os vícios por oposição” (p.41). O conceito *animus* subdivide-se de acordo com as virtudes cardeais tidas como referência quer na *Rhetorica ad Alexandrum*, quer na *Rhetorica ad Herennium*, que inaugurou a literatura sobre retórica em Roma, em função dos seus vícios contrários, designadamente, a *iniustitia* ‘injustiça’, a *intemperantia* ‘intemperança’, a *ignauia* ‘cobardia’, e a *temeritas* ‘irreflexão’. Do *corpus* estão presentes os temas da força e da beleza. O terceiro conceito debruça-se sobre a genealogia, a pátria e o poder.

No Capítulo III, analisam-se algumas Estratégias de Amplificação e outros Recursos Estilísticos, que tornam mais expressiva a invectiva, nomeadamente os que estão mais de acordo com os hábitos da retórica antiga. No final, a Bibliografia e o Índice de Autores Antigos e Modernos, sempre útil a quem lê e estuda estes assuntos, são um óptimo complemento ao trabalho.

Por tudo isto, *Invectiva na Tragédia de Séneca* é uma obra que se lê com agrado. A sua escrita clara e concisa e a economia da exposição dão a sensação de estarmos a assistir à passagem de sucessivos quadros das obras de Séneca, onde uma galeria diversa de personagens dá largas às suas emoções e sentimentos, que não nos deixam ficar indiferentes. Para isso contribuem as traduções rigorosas e seguras que sempre acompanham os excertos escolhidos. As explicações etimológicas apresentadas para uma boa parte do vocabulário da invectiva, para além

de oportunas, conferem mais um importante ponto de interesse ao trabalho. A quase ausência de gralhas — é de referir a falta do estilo itálico em alguns versos latinos, por exemplo, nas pp. 48 e 105, ou ‘nesta contexto’ por ‘neste contexto’ (p.56) — revelam uma cuidadosa revisão dos textos antes da sua publicação.

A aplicação de um “esquema geral de tópicos de invectiva colhido nos autores antigos” (p.13) revela-se eficaz para os objectivos deste trabalho. Imprime-lhe, contudo, uma certa rigidez que se esperava ver atenuada na Conclusão, apresentando outras implicações que um estudo sobre a *uituperatio* tem na vertente ideológica da obra senequiana.

Em jeito de conclusão, a obra de Carla Gonçalves vem, seguramente, contribuir para abrir perspectivas novas no estudo da obra de Séneca. De facto, o estudo da autora permite-nos conhecer bem melhor a mensagem da obra do dramaturgo: “reprovação dos vícios de injustiça, intemperança, cobardia e irreflexão nos domínios do poder e dos afectos, e consequente exortação implícita ao culto das virtudes opostas” (p.155).

ANTÓNIO M. GONÇALVES MENDES

AA.VV., *Congresso Internacional Damião de Góis na Europa do Renascimento. Actas. Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 2003, 926 pp. [ISBN 972-677-170-5].*

Não tardou muito para que pudéssemos ver publicadas as comunicações apresentadas ao Congresso, subordinado ao tema em epígrafe, que se realizou entre 29 e 31 de Janeiro de 2003, em Braga, na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa. Colocam-se assim à disposição dos especialistas e do público em geral as excelentes comunicações apresentadas naquele que foi — julgamos que o podemos dizer sem grande margem de erro —, uma das mais relevantes iniciativas que marcaram o quinto centenário do nascimento de Damião de Góis.

As comunicações apresentadas nesta reunião científica estão repartidas por três grandes rubricas: «O tempo de Damião de Góis: sociedade e cultura de quinhentos» (pp. 51-229), «Vida e obra de Damião de Góis» (pp. 231-678) e «Damião de Góis na mundividência do século XVI» (pp. 679-902). Antecedendo o texto das comunicações, encontramos o programa pormenorizado das actividades realizadas no decorrer do Congresso (pp. 21-26). Segue-se a publicação integral dos vários discursos proferidos na abertura e no encerramento do Congresso (pp. 27-50), havendo também que ressaltar a existência, no final, de um cuidado e sempre útil índice onomástico (pp. 903-922).

A publicação destas *Actas*, que são a mostra da investigação desenvolvida por alguns dos maiores especialistas nacionais e estrangeiros, constitui assim mais um valioso contributo para o estudo da vida e da obra de Damião de Góis, um dos mais distintos humanistas portugueses, cuja obra passa por áreas tão variadas como a historiografia, a epistolografia, a tradução de autores clássicos ou de textos bíblicos, ou até mesmo a música. Trata-se, de facto, de uma figura complexa e multifacetada, cuja vida e obra é o espelho das grandes tensões religiosas, políticas e económicas que fracturaram profundamente o país no decorrer do século XVI. Esperamos, portanto, que a publicação deste volume possa ser um contributo válido para evocar a figura do grande humanista português, que em muitos aspectos constitui, pelo seu trajecto de vida, pela obra e pelos valores que propugnou, uma referência a não perder de vista nos nossos dias.

ANTÓNIO ANDRADE

OLIVEIRA, Francisco (Coord.), *Penélope e Ulisses*, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, Instituto de Estudos Clássicos, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Coimbra, 2003.

Ulisses “dos mil artificios” e a sua esposa fiel Penélope são, tal como o título do volume indica, o objecto principal das trinta comunicações apresentadas num Congresso promovido, em parceria, pela

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, pelo Instituto de Estudos Clássicos e pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

As actas do congresso *Penélope e Ulisses* centram-se, portanto, na *Odisseia* de Homero, constituindo também esta monografia uma verdadeira odisseia que perpassa a literatura grega das épocas arcaica e clássica alcançando, por fim, a literatura posterior influenciada pelos autores helénicos, não se descurando, no entanto, as epopeias de raiz oriental que terão influenciado o poeta de Chios, como é o caso da *Epopéia de Gilgameš*, de origem mesopotâmica. À semelhança de Ulisses, também Gilgameš é um herói que procura um destino, alguém que, de igual forma, faz uma “aprendizagem pelo sofrimento”, como nota o autor da comunicação, Nuno Simões Rodrigues.

A comunicação que abre esta obra pertence à Prof. Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, professora jubilada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e especialista em poesia homérica. A helenista analisa alguns passos da *Odisseia* tomando como ponto de partida a figura de Penélope. O seu artigo prima por apresentar teses de autores vários acerca da teia de Penélope, i.e., do dolo perpetrado pela esposa de Ulisses, que, fiel à memória e imagem do marido, tudo faz para retardar o destino e impedir o que lhe parece inevitável: ceder a um dos pretendentes e celebrar novas núpcias. Desta forma, a análise do carácter marcado pela fidelidade, mas também pela astúcia, constitui o fio condutor do trabalho da investigadora.

O tema da fidelidade, embora recorrente em quase todos os artigos, é também alvo de uma abordagem minuciosa levada a cabo pelo Prof. J. A. López Férez, cuja comunicação se aproxima da anteriormente referida. Mais extenso e, de certa forma, exaustivo, o seu artigo tece reflexões literárias acerca da *perifron Penelopeia*, a “sensata Penélope”, que revela, ao longo de todos os trechos odisséicos objecto de análise, um perfil marcado por um ardil que lhe permite manter-se fiel ao herói grego.

A obra homérica continua a ser objecto exclusivo de análise nos trabalhos seguintes. John Boardman procura estabelecer fronteiras entre a

realidade e ficção, comunicação que nos pareceu particularmente interessante por tratar a geografia homérica. Até que ponto o aedo se deixou levar pelas malhas do imaginário criando locais inverosímeis é a principal questão colocada pelo professor, que pretende desenhar um mapa homérico e um mapa do mundo verosímil, cuja existência está atestada sem existir contaminação com a ficção homérica.

Uma das criações homéricas é, precisamente, o paraíso onde Ulisses encontra Calipso, local este onde o herói permaneceu sete anos antes de regressar a Ítaca. O foco da obra em análise volta-se agora para o rei itacense, para os seus envolvimento amorosos e, conseqüentemente, para o tema do *nostos*. O texto de Dieter Lohman aborda sobretudo as técnicas de composição das cenas de cariz erótico, constantes na *Odisseia*, e a sua estrutura estereotipada. O estudioso analisa cinco cenas marcadas pelo erotismo que constituem o ponto central do artigo, concentrando-se nas suas semelhanças, mas sobretudo na constatação de traços invulgares, como diferenças na linguagem formular e na técnica de composição, que revelam, precisamente, a atipicidade de cada uma das cenas, o que enriquece, sem dúvida alguma, a obra homérica.

No entanto, nem sempre Ulisses foi perspectivado como o homem nostálgico, tomado pela ânsia ardente do regresso para junto de Penélope e do filho de ambos, Telémaco. Embora esta seja a imagem que, com maior frequência, se retém na memória, os estudiosos que dão o seu contributo neste volume não se coibiram de abordar obras da antiguidade clássica onde transparece uma visão substancialmente diferente daquela que, por norma, atribuímos ao itacense. É o caso de Maria Leonor Santa Bárbara, Andreas Bagordo e Luís M. G. Cerqueira que, nos seus trabalhos, desvelam um Ulisses representado de forma menos benévola do que na *Odisseia* homérica.

A primeira conferencista aborda um epigrama de Asclepiades de Samos, datado do século III a. C., afirmando que, implicitamente, o autor se estaria a referir ao dolo que Ulisses urdira para conseguir ganhar, numa disputa partilhada com Ájax, as armas de Aquiles, o que acaba por levar à morte do seu adversário. A partir da dialéctica entre Fraude/Virtude, a

autora revela mestria ao realizar uma síntese de vários autores clássicos que partilhavam a opinião de que Ulisses não seria exclusivamente aquele herói valente, corajoso e dedicado que transparece em Homero. Assistimos assim a um catálogo de autores como Píndaro, Platão, Sófocles e Eurípides que interpretam de forma mais realista o famoso epíteto *polutropos*, donde sobressai a astúcia e o engano.

O trabalho de Andreas Bagordo revela alguma continuidade em relação à comunicação de Maria Leonor Santa Bárbara, no que concerne às tragédias de Sófocles referidas pela autora. O tema da luta pelas armas de Aquiles e do dolo utilizado por Ulisses é agora desenvolvido pelo estudioso italiano que nos dá duas visões diferentes do Itacense, figura presente nas duas peças sofocianas: *Ájax* e *Filoctetes*. Ora, se na primeira o filho de Laertes revela algum humanismo, que sobressai devido à ira e crueldade de Atena; na segunda, o seu carácter revela-se característico do comportamento anti-heróico, imagem que também é compartilhada pelo tragediógrafo Eurípides. O Ulisses do *Filoctetes* emerge, então, como alguém ardiloso, que facilmente se deixa tomar pela cólera, revelando o que de pior existe em si, i.e., a sua capacidade em enganar os outros, em benefício próprio.

Também na *Eneida* de Vergílio, por se tratar da epopeia de um foragido de Tróia, não será de estranhar que Ulisses marque uma presença mal amada, em tudo semelhante à constante no *Filoctetes* sofociano. Desta forma, Luís M. G. Cerqueira, o autor, assume Ulisses como o protótipo do anti-herói, constatando que esta perspectiva da figura ulisseica poderá ter implicações políticas. Se a *Eneida* é o poema que relata as origens de Roma e se Eneias é um herói troiano e o principal responsável pela génese do Império, um grego, ex-combatente na guerra de Tróia e responsável pela queda de Ílion, nunca poderia ser olhado com bons olhos.

E Penélope? Que paralelo tem a sua figura na literatura romana? Essa é a questão a que Hans Joachim Glucklich procura clarificar na sua comunicação. De facto, Penélope parece não ter paralelo na literatura de Roma. A mulher de Ulisses continua a ser detentora do exclusivo de

fidelidade e, conseqüentemente, apresenta-se como modelo a seguir pelas mulheres romanas. No entanto, no que respeita à recepção do mito ulisseico em épocas posteriores, a literatura romana parece ter dado um enorme contributo. O trabalho do autor consiste em passar em revista a obra de vários autores romanos, de forma a analisar a presença de Penélope em cada um deles ou, melhor dizendo, a influência da figura de Penélope nas figuras femininas na literatura latina.

Se na *Eneida* nenhuma das mulheres (Lavínia, Dido, Creúsa) parece ter conseguido alcançar o modelo itacense, em Tito Lívio, Lucrécia é apresentada como modelo de dedicação ao lar e de exemplaridade entre as mulheres. A amada de Propércio, Cíntia, também é descrita como modelo de fidelidade, já que, na obra properciana, esta permanece à espera do poeta. No que respeita às *Heroides* ovidianas, Penélope tem presença na primeira carta da obra, amaldiçoando a guerra de Tróia, cujas razões parece não compreender. Tem uma perspectiva mais realista e, no seu ponto de vista, todos os homens são infiéis devido à sua *libido*. No entanto, permanece fiel ao Itacense.

Não nos detendo mais nesta comunicação, porque muitas outras são também dignas de comentário, notamos apenas que a figura de Penélope não se restringe à literatura romana. Glucklich chama a atenção para a presença da figura feminina nos murais de Pompeios e na ópera, onde a sua fidelidade se mantém. Este último foco de análise parece-nos um pouco desfasado, não só porque o título da comunicação dá a entender que o trabalho se centra sobre a permanência de Penélope na literatura latina, mas também porque a análise centrada em obras musicais é seguida, de imediato, por um comentário sobre as várias figuras femininas com quem Ulisses se envolve, aquando do seu regresso, e de um estudo sintético acerca da visão das mulheres na Antiguidade. Esta alternância de conteúdos causou-nos alguma estranheza no que respeita à organização lógica da comunicação.

Ainda dentro da romanidade, o Prof. Vasco Mantas realizou um estudo sobre a presença de Penélope e Ulisses na Lusitânia. O autor nota que a localização geográfica desta região terá sido determinante para a

recepção das histórias de Penélope e Ulisses, já que, rodeada por mar, seria propícia ao imaginário de um povo leitor da *Odisseia*, acreditando que muitas aventuras míticas do rei de Ítaca se teriam passado ao largo da costa lusitana. Podemos ainda ter acesso a alguns elementos arqueológicos que nos permitem atestar a forte influência da epopeia homérica, embora, curiosamente, seja Ulisses, durante o seu regresso a casa, o protagonista das representações e nunca Penélope, que, como o autor afirma, parece ter “fraca audiência”, já que o Lusitanos prefeririam as aventuras marítimas do que a fidelidade de uma mulher.

O volume prossegue, mas desta feita, com uma série de conferências que abordam a literatura desde a época renascentista até à actualidade, como se, à semelhança de Ulisses, também o mito ulisseico realizasse uma viagem. Se, por um lado, Rita Marnoto se debruça sobre a presença de Ulisses na obra de Dante e consequentes reflexos na literatura italiana do século XX, por outro, Ignacio R. Alfageme tece algumas considerações acerca da presença de Penélope na poesia espanhola. Na literatura italiana, o Ulisses astuto, inteligente, mas fraudulento, retratado por Dante reflecte-se na contemporaneidade literária, onde a personagem ganha uma dimensão simbólica relacionada com a cultura do *Novecento*. O mesmo acontece na poesia espanhola, embora o foco de estudo seja a figura de Penélope, que mais adiante será alvo de um trabalho semelhante levado a cabo por Concépcion López Rodríguez, que realiza uma análise de um texto dramático da literatura espanhola, *La Tejedora de Sueños*, escrito por Buero Vallejo no pós-guerra. Nesta obra, Penélope é uma figura humanizada e a sua fidelidade e a sua espera são consideradas como um acto de heroísmo, mas também encaradas com normalidade, fazendo o autor acreditar que esta seria a atitude de qualquer mulher naquela situação. A humanidade da personagem revela-se quando, perante Ulisses, o censura por ter demorado tanto tempo no regresso e o acusa de ser “amante del éxito y del aplauso”.

A literatura portuguesa renascentista é também herdeira do mito de Ulisses. É precisamente dessa herança que nos fala António Manuel de Andrade Moniz, ao abordar vários autores do período da renascença,

tecendo algumas considerações acerca do mito ulisseico da fundação de Lisboa, justificável por essa ser uma época de expansão marítima, de descoberta de rotas e de locais inóspitos, tal como acontecera durante o regresso de Ulisses a Ítaca. Desta forma, a “miscigenação entre Gregos e Lusitanos”, a que o autor alude, seria de extrema importância para a credibilidade das empresas marinhas lusitanas. Curiosamente, na literatura portuguesa, Penélope é uma figura ausente, como nota o Prof. Segurado e Campos, na sua comunicação, onde trata *Ulisseia* do seiscentista G. Pereira de Castro.

Ainda dentro da nossa literatura, destacamos a comunicação de Carlos Reis. Não visa tanto a narrativa épica de Homero, mas sim o tema do regresso tão evidente na obra queirosiana. O autor faz uma breve análise de algumas obras de Eça de Queirós, tal como *Os Maias*, *A Ilustre Casa de Ramires*, *A Cidade e as Serras* e o conto *Civilização*. Temas como o do *nostos*, aliados ao tema do exílio e da saudade, constantes na *Odisseia*, são analisados em cada uma das obras, demonstrando-se a *contaminatio* entre as obras dos dois autores e comprovando-se a imortalidade da temática homérica. A literatura portuguesa contemporânea está também contemplada neste volume, pela mão de José Ribeiro Ferreira, que elabora um estudo centrado na obra poética de Fiamma Hasse Pais Brandão e de Nuno Júdice.

A compilação de trabalhos científicos não descarta, ainda, a literatura de expressão portuguesa. Veja-se a comunicação de Maria Aparecida Ribeiro, que se detém na obra da escritora brasileira Clarice Lispector, que aparece repleta de elementos que fazem ponte com a *Odisseia* homérica, tal a onomástica, a teia de Penélope, as aventuras marítimas. No entanto, a estudiosa pretende ressaltar, neste trabalho, o relevo da figura feminina na obra de Clarice Lispector, bem como o tratamento do tema da condição humana, alvo da maior parte dos mitos gregos.

Marta Teixeira Anacleto visa a literatura francesa do séc. XVII, notando que as figuras que dão nome a este volume de actas são dotadas de “actualidade e plasticidade”, sendo recriadas em obras francesas; e ainda no domínio da língua francesa, Pascal Thiery dá conta dessa

recriação das personagens, ao analisar a obra *Naissance de l'Odyssee* de Jean Giono, onde Ulisses surge como anti-herói e Penélope encarna a imagem de mulher adúltera.

Gabriela Cretia tece um estudo sobre o mito ulisseico na literatura romena. Esta autora nota a tardia difusão dos Poemas Homéricos na Roménia, tendo surgido as primeiras traduções, destinadas a académicos, a partir do século XVII, e debruça-se sobre algumas obras que englobam o mito.

O mito sofre alterações ao longo dos tempos, algo evidente em *Ulysses* de James Joyce, objecto de análise do Prof. Abílio Hernandez Cardoso. Obra que aproveita o nome do herói homérico é, no entanto, completamente díspar da do poeta de Chios. No dizer do autor da comunicação, *Ulysses* é uma obra de “transformação e inovação” do mito, mas onde tudo converge para o *nostos*.

Dois estudiosos abordaram a poesia grega moderna, onde a tradição odisseica é, naturalmente, visível. Se a Doutora Maria Eleftheria Giatrakou aborda vários poetas gregos, embora se centre na poesia de Seferis, onde uma vez mais se destaca o sentimento de nostalgia e o tema do *nostos*; J. Pedro Serra analisa de forma minuciosa o poema *Ítaca* de Konstantinos Cavafis. O seu estudo é alternado com passagens traduzidas do poema, sendo, por isso, a sua comunicação dotada de grande harmonia e complementada com uma tradução isolada, realizada pelo autor, que acompanha o original grego.

Jonh Bulwer debruça-se sobre a poesia moderna inglesa, onde constata que são as mulheres quem mais trata a figura de Penélope e de outras personagens da *Odisseia*. Ana Elias Pinheiro e Carmen Soares analisam, ainda, *A Filha de Homero* de Robert Graves e *A Canção de Tróia* de Coleen McCullough, respectivamente. Dois romances recentes, mas que utilizam como pano de fundo as aventuras de Ulisses e o ciclo épico troiano, sendo o primeiro uma história de amor e o segundo uma obra onde, uma vez mais, impera o tema do regresso.

Ainda acerca de literatura, mas literatura infanto-juvenil, fala Adriano Milho Cordeiro, que se centra em versões do mito destinadas a

crianças, notando que, à semelhança do que acontecia entre os gregos, onde se gostava de escutar um bom contador de histórias, o mesmo acontece entre as crianças dos dias de hoje. O autor visa ainda a ideia de que os mitos clássicos recontados às crianças são, tal como os contos populares, uma via de aprendizagem emocional e moral.

Finalmente, não só a literatura é abordada neste congresso. Chamamos por isso a atenção para as comunicações de Maria de Fátima Sousa e Silva, que se debruça sobre as artes de palco, e de Alberto Prieto, cujo foco se direcciona para as artes cinematográficas. A primeira comunicadora tece algumas considerações, elogiosas, sobre uma peça levada à cena no Teatro D. Maria, *A Aventura de Ulisses*, drama este que fomenta uma nova leitura da epopeia homérica, uma vez que a entidade organizadora, a Cultural Kids, faz de Ulisses “um herói dos tempos modernos”. Por sua vez, Alberto Prieto, apresenta um trabalho que consideramos bastante completo, já que, antes de se centrar no cinema, elabora uma breve análise sobre a Penélope da *Odisseia* e de outras obras literárias compreendidas entre os séculos XVII e XX, concluindo, no final da sua comunicação, que a fidelidade e a tolerância para com Ulisses são características intemporais, que acompanham Penélope ao longo dos tempos.

Desta forma, podemos concluir que o presente volume, ao reunir um tão grande número de trabalhos, acaba por valorizar a multidisciplinaridade, bem como vários campos artísticos, como a literatura, o teatro e o cinema, embora a pintura e a música pudessem ter sido alvo de uma exploração mais demorada. Concluimos, assim, que Ulisses e Penélope não são meras personagens da Antiguidade. São figuras imortais, não apenas constantes do nosso imaginário, mas de toda uma cultura que nos circunda e que, constantemente, vem ao nosso encontro.

MARIA JOÃO BOTELHO MONIZ DA SILVA MARQUES

José Ribeiro Ferreira e Paula Barata Dias (coord.), *Actas do Congresso “Som e Imagem no Ensino dos Estudos Clássicos”*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 2003, 376 pp. [ISBN: 972-9057-16-8]

O presente volume reúne as comunicações apresentadas ao congresso subordinado ao tema “Som e Imagem no Ensino dos Estudos Clássicos”, realizado em Coimbra, nos dias 14, 15 e 16 de Novembro de 2001, numa organização conjunta do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos e Liga de Amigos de Conímbriga.

Neste encontro, pretendeu-se discutir “os fundamentos da utilização dos audiovisuais nos estudos clássicos e a sua aplicação nas diversas modalidades: banda desenhada, cinema, informática, literatura infantil, música e vídeo” (p. 3), como refere José Ribeiro Ferreira.

O volume encontra-se dividido em duas partes. A primeira, intitulada “Fundamentação”, reflecte sobre o papel das várias formas de arte (como o cinema, o teatro ou a arquitectura) na recriação da antiguidade clássica. Feita esta ‘actualização’ do mundo antigo, torna-se, então, necessário repensar o ensino da cultura e línguas clássicas, de forma a torná-lo mais aliciante e sedutor. A segunda parte, designada “Aplicação”, analisa a utilização dos meios audiovisuais no ensino dos estudos clássicos.

Em primeiro lugar, debate-se a função da banda desenhada, destacando a sua grande vantagem: por um lado, permitir que um público não iniciado estabeleça os primeiros contactos, de forma agradável e divertida, com o mundo antigo; por outro, incentivar os iniciados ao estudo das línguas e da cultura clássicas. Os principais factores de atracção da nona arte são os cenários, através dos quais é possível visualizar a Roma ou a Grécia antigas; o renascer de mitos e personagens da antiguidade; e, evidentemente, as histórias, que, embora naturalmente simplificadas e fantasiadas, se baseiam sempre em factos verídicos. A banda desenhada caracteriza-se ainda pela actualidade dos temas que,

apesar de fundados numa época já distante, questionam os limites da humanidade. Luís da Silva Fernandes dedica um capítulo particularmente interessante à utilização didáctica da obra *Alix*, tendo em conta não só o ensino das línguas e cultura clássicas, mas também o da história.

O cinema é igualmente referido como uma fonte de informação a explorar, pois oferece reconstruções da antiguidade bem fundamentadas e de excelente qualidade, adaptadas à época contemporânea. Desta forma, é possível ter, em pleno século XXI, uma visão global da vida quotidiana do mundo antigo, a nível cultural, religioso, administrativo, político e militar (sobretudo no que respeita aos filmes de tema romano, mais populares do que os de tema grego, que se fixam, na sua maioria, nos mitos e nas lendas homéricas). É de destacar a comunicação de Fernando Lillo Redonet, que apresenta interessantes sugestões de aplicação didáctica dos filmes e menciona algumas fontes clássicas que os fundamentam. Descreve ainda a influência destas fontes em filmes modernos que, embora não retratem o mundo antigo, mostram que a cultura e a literatura clássicas continuam a servir de inspiração aos mais diversos géneros cinematográficos.

A informática é considerada uma das áreas mais atractivas para os alunos, daí que se registre um crescimento dos programas didácticos relacionados com a antiguidade clássica. Torna-se, então, possível fazer reconstruções virtuais e visitas interactivas ao mundo antigo, quer através de suportes como o CD-ROM, quer através da 'internet'. Estas novas tecnologias não só complementam as aulas, mas também irão, dentro em breve, permitir aceder fácil e eficazmente a informações em locais como explorações arqueológicas, mosteiros, museus, etc., através do uso da realidade virtual. Também de extrema utilidade são os motores de busca e os programas de análise de texto, que simplificam e tornam motivador o processo ensino-aprendizagem, apesar de exigirem uma selecção da informação obtida.

Em seguida, destaca-se a importância que a literatura infantil tem na divulgação da cultura clássica, pois oferece às crianças uma abordagem fácil e atraente da civilização greco-latina, ao mesmo tempo que

as inicia na reflexão sobre temas como a condição humana ou a disputa de poder (através das fábulas de Fedro ou Esopo, por exemplo, ou através da narrativa dos mitos que opõem deuses a homens). Embora o material disponível seja, na maioria das vezes, escasso, as adaptações são geralmente de grande qualidade.

Refere-se ainda que a música, em geral, e a ópera, em particular (por concentrar num mesmo espectáculo música, teatro, literatura, artes plásticas e, muitas vezes, dança), desde cedo contribuíram para a divulgação do mundo clássico. De facto, muitos compositores inspiraram as suas obras em temas e mitos da antiguidade, que, assim, se perpetuaram e ainda hoje fazem parte da nossa cultura. A música é, por isso, mais um instrumento didáctico a explorar.

O vídeo é o último meio audiovisual em análise. A sua vertente didáctica transforma-o numa ferramenta imprescindível ao ensino não só das línguas e cultura clássicas, mas também da história e de todas as disciplinas relacionadas com a escrita (paleografia, epigrafia, codicologia, etc.), uma vez que reúne as características de todos os outros meios audiovisuais.

Deste debate conclui-se, portanto, que o som e a imagem valorizam e estimulam o ensino das línguas clássicas. É, no entanto, necessário não esquecer que os meios audiovisuais são apenas um instrumento complementar, não podendo, em ocasião alguma, suprir o papel do professor, como sublinha Arnaldo Espírito Santo: “nem as novas tecnologias substituem esse acto profundamente humano que é aprender e ensinar a aprender, nem a investigação e o ensino podem prescindir de todos os recursos que os podem otimizar, desde que não destruam a sua essência e sejam utilizados com conta, peso e medida” (p. 12).

JOANA SERAFIM